



Caderno Virtual de Turismo

E-ISSN: 1677-6976

caderno@ivt-rj.net

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Brasil

Antonio Stoppa, Edmur; Gonzaga Godoi Trigo, Luiz; Ferreira Isayama, Helder  
O lazer do brasileiro no período de férias: representações e concretizações das  
atividades turísticas

Caderno Virtual de Turismo, vol. 17, núm. 1, abril, 2017, pp. 138-154

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115451293011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# O lazer do brasileiro no período de férias: representações e concretizações das atividades turísticas<sup>1</sup>

*The Brazilian leisure on vacation: representations and achievements of tourist activities<sup>2</sup>*

*El ocio de Brasil sobre alquileres: representaciones y los logros de las actividades turísticas<sup>3</sup>*

<http://dx.doi.org/10.18472/cvt.17n1.2017.1139>

**Edmur Antonio Stoppa** <eastoppa@uol.br>

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.

**Luiz Gonzaga Godoi Trigo** <trigo@usp.br>

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.

**Helder Ferreira Isayama** <hhelderisayama@yahoo.com.br>

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

1 Artigo desenvolvido a partir dos dados coletados na pesquisa “O Lazer do Brasileiro”, subvencionada pelo Ministério do Esporte (ME), Processo n. 23072.021366/2011-35

2 Article developed from the data collected in the survey “The Leisure of the Brazilian”, subsidized by the Ministry of Sports (ME), process n. 23072.021366/2011-35.

3 Artículo desarrollado desde los datos recogidos en la encuesta “El ocio de los brasileños”, subvencionado por el Ministerio de Deportes (ME), Proceso n. 23072.021366/2011-35.

## CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebimento do artigo: 16-out-2015

Aceite: 23-jan-2017

## FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

STOPPA, E. A.; TRIGO, L. G. G.; ISAYAMA, H. F. O lazer do brasileiro no período de férias: representações e concretizações das atividades turísticas. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 138-154, abr. 2017.

### REALIZAÇÃO



### APOIO INSTITUCIONAL



### EDIÇÃO



### PATROCÍNIO



## RESUMO

A pesquisa “O Lazer do Brasileiro” teve como objetivo identificar o lazer do brasileiro no que se refere à sua representação e concretização. O trabalho foi realizado por meio da pesquisa empírica, com amostragem representativa dos brasileiros em termos de faixas etárias, gêneros e classes sociais. Enquanto procedimento amplo de raciocínio, foi utilizado o estudo comparativo entre a representação do lazer e o seu efetivo exercício. Este texto discute especificamente elementos relacionados à temática das atividades turísticas e suas possibilidades de lazer no período de férias. Os resultados apontam que as atividades turísticas são entendidas e valorizadas como possibilidade de lazer pela população brasileira, apesar de sua vivência ser desenvolvida por um número pequeno de pessoas, comparativamente ao total da amostra. Além disso, o querer e fazer da atividade apresenta uma distância grande, uma vez que se o fazer aponta 27% das realizações, o querer apresenta um índice de quase 80% das intenções. Assim, os desequilíbrios existentes entre as representações e concretizações devem ser objeto de desenvolvimento de ações específicas na área do lazer e turismo.

**Palavras-chave:** Lazer. Turismo. Férias.

## ABSTRACT

*The search for “The Leisure of the Brazilian” involved researchers and their fellows from eight Brazilian universities and received encouragement from the Ministry of Sports. We aimed to identify broadly the Brazilian leisure, in terms of their representation and implementation. The work was carried out by empirical research, with representative sample of Brazilians of all ages, genders and social classes. While extensive procedure of reasoning, also characterized as observation mode, we used the comparative study of the representation of leisure and their effective exercise. This paper discusses, in particular, elements related to the theme of tourism activities and its leisure possibilities on vacation.*

**Keywords:** Leisure. Tourism. Vacation.

## RESUMEN

*La investigación “El ocio de los brasileños” fue desarrollado con el objetivo de identificar el ocio de Brasil en términos de su representación y ejecución. El trabajo fue realizado por la investigación empírica, con muestra representativa de los brasileños de todas las edades, géneros y clases sociales. Mientras procedimiento de razonamiento amplio se utilizó un estudio comparativo de la representación del ocio y su ejercicio efectivo. Este texto analiza específicamente los elementos relacionados con el tema de las actividades turísticas y sus posibilidades de ocio en vacaciones. El principal resultado se señaló que las actividades turísticas se entienden y valoran como una oportunidad de recreación para la población brasileña, apesar de su experiencia siendo desarrollado por un pequeño número de personas en comparación con el total de la muestra. Además, la voluntad y hacer actividad presenta una distancia muy grande, ya que lo hacen el 27% de las realizaciones puntos, el índice quieren presentar un casi 80% de las intenciones. Por lo tanto, los desequilibrios existentes entre las declaraciones y los logros deben desarrollando el tema de acciones específicas en el ocio y el turismo.*

**Palavras clave:** Ocio. Turismo. Alquileres.

## Introdução

Com a promulgação da Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988) o lazer passou a ser um direito social previsto no artigo 6º (sexto), condição também assegurada em, praticamente, todas as leis estaduais e orgânicas de municípios do Brasil. No entanto, diferente de direitos como a saúde e educação, a Constituição Federal não definiu princípios, diretrizes, objetivos e regras institucionais para orientar a concretização do lazer no cotidiano da população. Além disso, por uma série de problemas, como a prevalência de uma política de hierarquização de necessidades, a precária difusão e sistematização de pesquisas, os poucos recursos disponíveis e o pequeno número de profissionais qualificados, a área ainda carece de ações que abranjam de forma efetiva os Municípios, os Estados e a esfera Federal.

A formação de pesquisadores, que envolve a realização de novos estudos na área e a realização de Congressos científicos, vem mudando, pouco a pouco, o panorama em relação à pesquisa em Estudos do Lazer. Entretanto, ainda carecem de estudos sobre a representação e a concretização do lazer vivenciado pelos brasileiros.

Com esse propósito foi realizada a pesquisa intitulada “O Lazer do Brasileiro” que envolveu pesquisadores e bolsistas de seis universidades brasileiras, que participaram do desenvolvimento e da análise das informações coletadas em levantamento nacional. O estudo foi realizado entre os anos de 2012 e 2014, período em que foram cumpridas as etapas metodológicas de coleta e discussão dos dados em diferentes artigos resultantes das informações obtidas.

O objetivo deste projeto foi conhecer o lazer do brasileiro, em termos de sua representação e concretização, com a finalidade de contribuir e orientar ações de políticas públicas e dar bases para a realização de pesquisas na respectiva temática.

Este estudo se destaca por seu caráter inédito, no contexto brasileiro, visto que não existem outros levantamentos recentes que tratam da temática do lazer no País com uma amostra que seja representativa e que abrangesse diferentes categorias que se relacionam aos estudos do lazer (gênero, faixa etária, classe social, regiões do País, entre outros). As principais questões de pesquisa foram: O que o brasileiro faz no seu lazer? O que gostaria de fazer no lazer? E por que não faz?

No que se refere ao tema da pesquisa, Requiza e Camargo (1989) realizaram no final da década de 1980 um estudo sobre o tempo livre na sociedade brasileira, apontando diferentes elementos relacionados ao desenvolvimento do tempo livre, em suas relações com o tempo de lazer. Esse estudo contém características diferentes da pesquisa realizada, uma vez que ele não abrange o contexto nacional e não é do tipo survey. Os autores fazem referência ao estudo de Souza (1975) apresentando com um único survey realizado no Brasil no ano de 1973, com parâmetros internacionalmente aceitos, mas que abrangia o contexto da cidade do Rio de Janeiro e sua região metropolitana.

Nesse sentido, este artigo é um recorte de variáveis analisadas no projeto maior, que será publicado em livro. Assim, um conjunto de variáveis discutidas na pesquisa foi agrupado por proximidade entre as categorias e divididas entre os pesquisadores participantes, gerando a produção de sete artigos, que comporão a pesquisa final por ocasião da publicação do relatório, produto em fase de finalização pela equipe coordenadora.

Sem perder de vista outras variáveis da pesquisa, neste artigo a proposta é discutir elementos relacionados à temática das atividades turísticas e suas possibilidades de lazer no período de férias. Portanto, os dados apresentados são relacionados à temática do turismo, uma vez que são importantes reflexões para apontar subsídios para o planejamento, execução, monitoramento e avaliação de políticas públicas de lazer e turismo.

O lazer é aqui compreendido como um espaço privilegiado para a vivência de conteúdos culturais e estabelece relações com diferentes dimensões da vida, tais como: trabalho, educação, família e religião. Marcellino (2006) entende o lazer como a possibilidade de vivências culturais que podem ser praticadas ou fruídas no tempo disponível, que tem como um de seus traços definidores o caráter desinteressado, uma vez que não se busca outra recompensa se não a satisfação provocada pela atividade.

Dessa forma, concordamos com Gomes (2008) quando afirma que o lazer pode compreender o envolvimento com diferentes manifestações culturais, tais como o jogo, a brincadeira, a dança, a festa, a viagem, o esporte, o convívio social, as artes (pintura, literatura, teatro, música e cinema), entre outras possibilidades. Além disso, podemos considerar o ócio como uma manifestação cultural que pode constituir as experiências de lazer. A autora afirma que essas vivências podem assumir diferentes contornos e significados em determinado tempo/espço e para os grupos sociais e instituições que as vivenciam.

Assim, optamos por entender o lazer a partir desse conceito que possibilitaria a proposição de subsídios para a elaboração de políticas públicas na área, a partir da apresentação e da discussão dos dados coletados nas diferentes localidades do País.

No que diz respeito ao conteúdo, vamos encontrar praticamente uma classificação por autor que se dedica a examinar a questão, com algumas abordagens mais completas, mas todas passíveis de deixar conteúdos sem categorias, ou de determinar categorias diversas onde um mesmo conteúdo pode ser inserido (PARKER, 1978). Nesse sentido, tais classificações são tipologias e, como toda tipologia, são tão artificiais quanto mais abrangente e interligado for o objeto de classificação (MARCELLINO, 1983).

Adotamos a classificação apresentada por Dumazedier (1980a), baseada na distinção entre os interesses verificados no lazer, ou seja, nas aspirações que predominam nas diversas áreas de atividade. O interesse deve ser entendido com o “conhecimento que está enraizado na sensibilidade, na cultura vivida” (p. 110). Esse autor distingue cinco áreas de interesses: artísticos, intelectuais, manuais, sociais e físicos, e Camargo (2003) acrescenta a esses conteúdos os interesses turísticos.

Os interesses turísticos podem ser entendidos como a quebra temporal-espacial, na busca por novas paisagens, novas culturas, e segundo Camargo (2003) as viagens e passeios podem ser entendidos como atividades turísticas no âmbito do lazer. Como reforça Krippendorf (2001, p. 36), a possibilidade de sair, de viajar, reveste-se de uma grande importância para a sociedade atual, uma vez que atribui ao lazer e ao turismo a capacidade de “reconstituir, recriar o homem, curar e sustentar o corpo e a alma, proporcionar uma fonte de forças vitais e trazer um sentido à vida”.

E aqui percebemos diferenças entre a representação e a concretização do lazer desenvolvido pelos brasileiros, conforme apresentaremos a seguir. Tal descompasso pode estar relacionado ao restrito entendimento do lazer e/ou do ócio, aliado ao fato de algumas vivências de lazer serem pouco oferecidas. Isso pode dificultar as possibilidades de escolha para pessoas em relação à diversidade de manifestações culturais existentes e restringir a vivência a alguns conteúdos que são de mais fácil acesso.

## Métodos

Considerando o objetivo do estudo, optamos por realizar uma pesquisa de caráter quanti e qualitativo, de modo a mensurar com precisão possível de generalizar para o País, o que é realizado e o que é demandado pela população em termos de vivências de lazer.

O universo da pesquisa foi composto por indivíduos que residem no território brasileiro, proporcionalmente divididos em cinco macrorregiões do País, contemplando, além disso, os 26 estados da Federação e o Distrito Federal. O público-alvo foi formado por brasileiros maiores de sete anos, selecionados para compor a amostra da pesquisa.

Caracterizada como pesquisa descritiva (VEAL, 2011), foi realizada pela técnica de survey, por meio da coleta de 2.400 entrevistas pessoais (face a face) em levantamento amostral, em pontos de fluxo nas cidades previamente sorteadas para compor a amostra. O instrumento de coleta de dados foi um roteiro estruturado, composto por perguntas abertas e fechadas.

O roteiro foi definido a partir das categorias de análise apontadas por meio dos referenciais teóricos utilizados na pesquisa bibliográfica, bem como por parâmetros relacionados às pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE para a definição de algumas categorias, tais como sexo, faixa etária, escolaridade, renda, entre outros.

A amostra foi construída por cotas representativas da população, considerando as variáveis de região e unidade da Federação. Além disso, consideramos em cada estado cotas de sexo, idade, escolaridade e renda familiar, conforme dados da população apurados no Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2010), estratificados por região e estado.

Para fins de parâmetro de avaliação, a pesquisa, com amostra probabilística, possui um erro amostral máximo de 2,0% para mais ou para menos, em relação aos resultados e o nível de confiança da pesquisa é de 95%.

Para a realização das entrevistas o profissional apresentou o objetivo da pesquisa, solicitou a participação espontânea do entrevistado e garantiu o anonimato, informando que os dados seriam utilizados apenas para fins estatísticos. Além disso, foi coletada a assinatura do entrevistado em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que constava da folha de rosto do instrumento de pesquisa, conteúdo aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A pesquisa seguiu os princípios do Código Internacional de Conduta da ICC/Esomar (2008), documento que orienta a prática de pesquisa, aceito em âmbito internacional. Considerando que a amostra da pesquisa incluiu a participação de crianças e adolescentes, para que as entrevistas com esse público fossem realizadas foi solicitada prévia autorização dos pais ou responsáveis, conforme artigo 8 do referido Código.

Conforme apontado, ressaltamos que este artigo é um recorte de variáveis analisadas na pesquisa “O Lazer do Brasileiro”. As principais questões discutidas neste artigo foram “O que o brasileiro faz no seu lazer?”, “O que gostaria de fazer no lazer?” e “Por que não faz?” Essas questões foram cruzadas com as variáveis relacionadas às atividades turísticas desenvolvidas no período de férias, de modo que possam apontar novos elementos para o repensar das ações na área do lazer e turismo, subsidiando programas e projetos que atendam a todos de forma mais democrática.

## A vivência do turismo no Brasil

Em uma palestra em Nápoles, no e-Fórum, em maio 2015, Jafar Jafari (2015) discorreu sobre as relações entre turismo e academia, realçando o gap (abismo) entre essas duas áreas e posicionando a fragmentação que abrange tanto o setor acadêmico como o mundo do trabalho nas diferentes áreas do turismo.

Na década de 1980, o turismo era visto como uma vertente pretensamente monolítica que abrangia diversos setores articulados ao redor dos preparativos, acessos, operação e gestão de viagens. Uma área com várias definições através dos séculos XIX, XX e XXI, o turismo chega aos nossos tempos como uma teia de atividades inter-relacionadas e, portanto, parcialmente fragmentadas. Isso aparece na elaboração teórica de pesquisadores brasileiros, como Beni (2007) e Panosso Netto e Trigo (2009).

O que se entende pela fragmentação do mercado é a amplitude e diversidade dos setores que formam o conjunto viagens e turismo, em primeiro lugar existe o contexto geral do lazer, que envolve todas essas atividades. É por isso que turismo aparece de maneira relevante nesta pesquisa, por ser uma atividade de lazer de alto desejo e expectativa.

A maior parte dos que desejam as atividades turísticas para o seu lazer dificilmente possui essa concepção conceitual de como o turismo se desenvolve. Tampouco todos percebem que essas atividades envolvem diferentes questões como hospitalidade, transportes, agenciamento, varejo, entretenimento, eventos, recreação, esportes, artes e cultura. Antigas teorias econômicas sobre o turismo afirmavam que a área envolve cerca de 50 setores econômicos em suas atividades, sendo a fragmentação uma característica do turismo contemporâneo.

Se detalharmos apenas a segmentação do turismo, há uma divisão em 11 grandes segmentos (idade, econômica, meios de transporte, duração de permanência, distância do mercado consumidor, tipo de grupo, sentido do fluxo turístico, condição geográfica do destino, aspecto cultural, grau de urbanização do destino e motivação da viagem) e cerca de 120 subsegmentos (PANOSSO NETTO, ANSARAH, 2009, p. 26-30), sem contar as possibilidades motivacionais, experimentais e subjetivas, ou seja, intelectuais e psicológicas que o turismo pode oferecer. Essas possibilidades precisariam passar pelo crivo da reflexão crítica para serem qualificadas em uma escala axiológica a ser estruturada por cada indivíduo de acordo com sua liberdade e conhecimento.

Assim, para Trigo (2013, p. 139), “Viagens são, literalmente, experiências, porém, podem ficar aquém do sentido e do significado de uma experiência mais profunda”. Evidentemente, as expectativas são diferentes, tanto quanto os segmentos e tipos de turismo que existem pelo mundo.

Para quem raramente viaja, hospedar-se na casa de parentes é uma experiência significativa, especialmente se for uma família divertida e hospitaleira. Quem é usuário de hotéis econômicos certamente se encantará com um resort cinco estrelas. Quem está acostumado a se hospedar em hotéis mais sofisticados só se impressionará com serviços exclusivos destinados a uma minoria privilegiada.

Relação semelhante pode ser pensada para os moradores que desconhecem diferentes espaços de sua cidade como, por exemplo, a cidade de São Paulo e suas diferentes realidades. Assim, as vivências turísticas de lazer na própria cidade que exaltem as qualidades dela, que sejam capazes de estimular o morador a valorizar e a preservar sua cidade ganham relevância. Tais questões poderiam proporcionar experiências ricas ao morador, além de ser uma forma de estimular a participação deste na realidade em que se encontra, levando em conta que conhecendo sua cidade os moradores poderiam estabelecer vínculos e criar uma maior identidade com ela (MOESCH, 2003; GASTAL, MOESCH, 2007).



No entanto, quem busca lazer em suas férias ou em finais de semana não conhece a teoria do lazer ou do turismo para perceber essa malha conceitual e mercadológica, mas possui vivência e algumas informações que lhe permite reconhecer e valorizar a importância de algo tão interessante como o turismo e suas atividades.

Por isso o turismo aparece na pesquisa, conforme apontado na apresentação e discussão dos dados, mais como um objeto de desejo. Na prática ele é menos vivenciado que sonhado, em parte devido aos custos econômicos e operacionais, pois exige deslocamento, convívio em locais estranhos, possibilidade de imprevisto e outras eventuais dificuldades, ao lado do prazer da aventura e das novas experiências. Acima de tudo exige capital para ser planejado, implantado, operacionalizado, comercializado e usufruído.

Por ser pago (assim como o entretenimento) e ter custos, o turismo não é acessível a todos indiscriminadamente, fato que aparece nas estatísticas da pesquisa, desde o alto nível desejo até o consumo efetivo da atividade, uma razoável diferença para menor, pois nem todos podem realizar seus sonhos. Daí o destaque que deve ser dado às diferentes políticas públicas que poderiam minimizar a diferença entre o querer e o fazer das pessoas.

As viagens e o turismo são significativos componentes do lazer e, no caso das viagens, pode ser a oportunidade de aprendizado, de diversão, de observação de fatos e costumes diferentes que aumentam nossa vivência e nível de conhecimento sobre a sociedade e o mundo.

O fruir de um prazer descompromissado pode ser melhor quando realizado em um espaço diferente do cotidiano sistemático e muitas vezes monótono. Há toda uma expectativa social intensificada pela mídia (cinema, televisão, publicidade, redes sociais e conceito de status) que fortalece a imagem da viagem como uma importante conquista por parte do indivíduo.

Passar férias em um destino glamoroso ou em um local agradável visitado durante um passeio pela cidade, seja esse glamour real ou imaginário, gera ótimas conversas no regresso, além de deliciosas imagens nas redes sociais ou até mesmo na mídia.

No Brasil, o aumento do fluxo turístico interno aconteceu entre 1996 e 2014, com as sucessivas ondas de prosperidade econômica que beneficiaram o País nesse período. Houve um crescimento da rede hoteleira, do uso de automóveis, da malha aérea e das viagens de turismo de massa. A ascensão das novas classes médias abrangeu o consumo em todas as suas formas, inclusive nas atividades turísticas.

No entanto, a conjunção de fatores críticos em 2015, projeta incerteza sobre o futuro econômico brasileiro e, conseqüentemente, sobre as tendências de lazer e turismo no País. Porém, uma série de crises cíclicas e ondas de prosperidade se sucederam no Brasil ao longo das últimas décadas, causando uma certa familiaridade com as oscilações da economia. Sendo ainda um País com grandes diferenças sociais, econômicas e geográficas, as preferências mudam de acordo com o poder aquisitivo, região ou estilo de vida e isso também foi perceptível nesta pesquisa.

Segundo Requixa (1977), do ponto de vista do lazer, há duas características que homogeneizam as férias, fins de semana e o turismo: em primeiro lugar o turismo no período de férias e fins de semana supõem um tempo livre contínuo, diferentemente de outras atividades que podem ser realizadas em intervalos das obrigações profissionais ou das demais áreas de atuação humana, e, em segundo lugar, as atividades realizadas durante esses períodos se constituíram em formas mais sofisticadas de uso do tempo, vinculadas a um estágio mais avançado de bem-estar material.



De qualquer forma, de acordo com as megatendências internacionais, o turismo será cada vez mais um atrativo para os brasileiros enquanto possibilidade de lazer, de status e de vivenciar novas experiências. Turismo é uma atividade importante no País e um atrativo para as pessoas que buscam o que fazer em seu tempo disponível, longe do trabalho e das obrigações e responsabilidades que permeiam nosso cotidiano.

## Resultados

A pesquisa de campo foi realizada em todas as regiões do País e foram entrevistadas 2400 pessoas nas zonas urbana e rural, o que permite apontar um erro amostral máximo de 2,0% para o País e nível de confiança de 95%, com relação aos resultados da pesquisa.

Assim, de acordo com as questões selecionadas para a realização deste artigo, quando questionados sobre o que faziam no período de férias, o total de entrevistados apontou que as atividades turísticas apareciam com 27% do total de respostas, conforme a Figura 1 abaixo. Tal dado ficou em terceiro lugar no item dos interesses desenvolvidos pela população brasileira, atrás apenas da categoria do ócio e daqueles que sabiam ou não sabiam responderam tal questão. Em termos de frequência, as atividades turísticas apareceram 650 vezes nas respostas, enquanto a segunda e terceira categorias acima tiveram a frequência de 884 e 707 respostas.

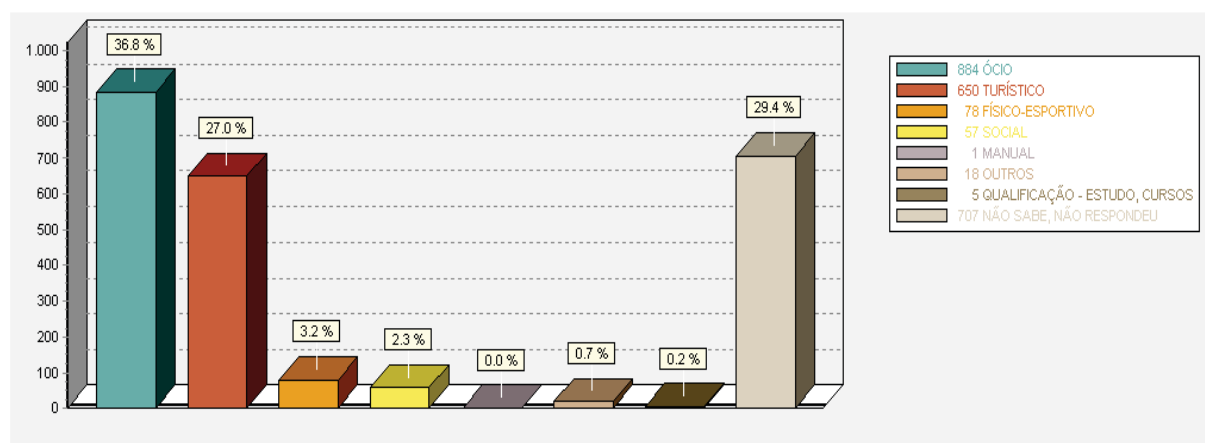


Figura 1 – O que faz nas Férias?

Fonte: pesquisa “O Lazer do Brasileiro”

Interessante notar que nesta pergunta o interesse turístico aparece à frente dos demais interesses<sup>4</sup>. O interesse físico-esportivo, em que se classificam as atividades que tem como predomínio o movimento corporal humano, como os esportes, as caminhadas, entre outras possibilidades, são citadas apenas por 3,2% dos entrevistados, com somente 78 frequências. Os demais interesses apresentam pouca representatividade em relação ao total de entrevistados.

Se fizermos o cruzamento da questão anterior com outras categorias, como sexo, renda, escolaridade, região do País e faixa etária, as questões relacionadas à atividade turística ganham diversos desdobramentos interessantes de serem apontados para reflexão. Entre os sexos, a participação feminina é ligeiramente maior, com 14% das respostas e os homens com 13%, comparativamente aos outros interesses do lazer. Entre os homens, 1.185 entrevistados, 26,3% afirmam desenvolver atividades turísticas nas férias (Figura 2).

<sup>4</sup> Mais detalhes sobre os interesses do lazer podem ser consultados em Dumazedier (1980a) e Camargo (2003).

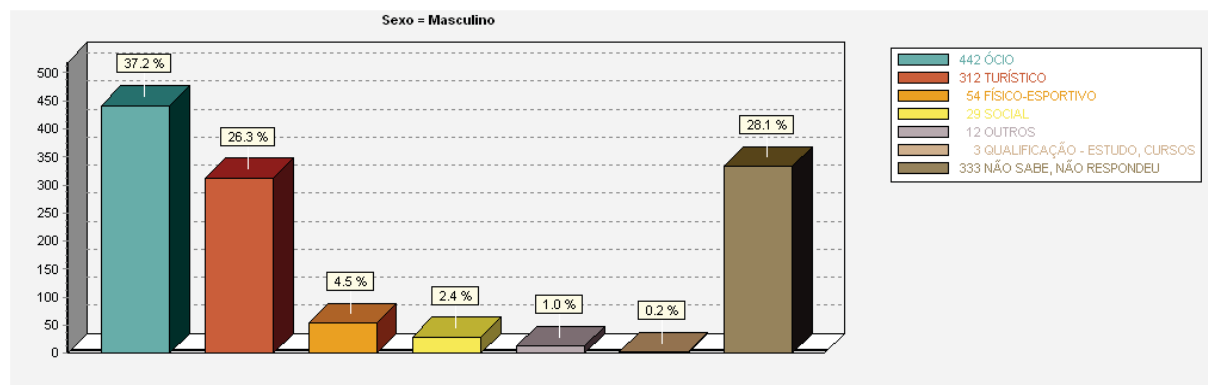


Figura 2 – Cruzamento da questão “O que Faz nas Férias” com a categoria “Sexo Masculino”.

Fonte: pesquisa “O Lazer do Brasileiro”

Já as mulheres, 27,8% das 1.215 pessoas entrevistadas, conforme Figura 3, afirmaram que as atividades turísticas são desenvolvidas no período de férias. Ambos os dados, masculino e feminino, refletem o terceiro lugar nas respostas apontadas na questão “O que faz nas férias?”

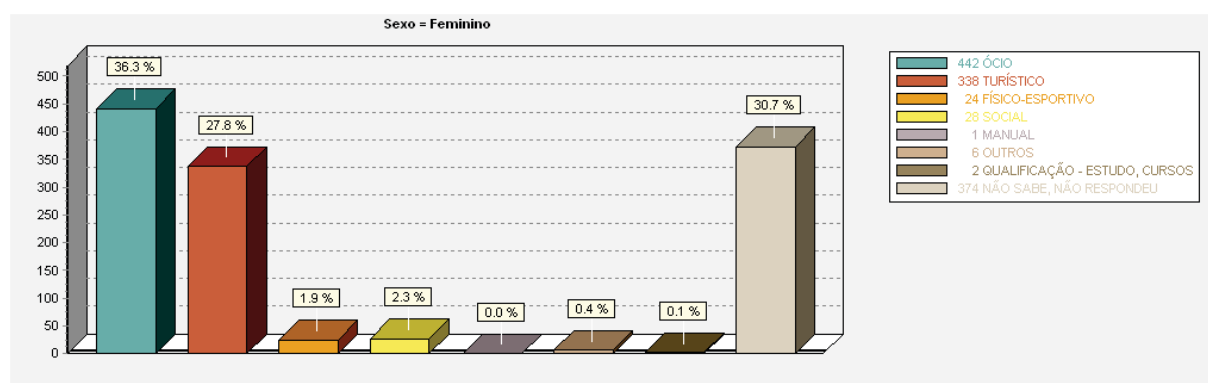


Figura 3 – Cruzamento da questão “O que Faz nas Férias” com a categoria “Sexo Feminino”.

Fonte: pesquisa “O Lazer do Brasileiro”

Se cruzarmos esses dados com a categoria da faixa etária veremos que, entre os homens, a principal faixa a apontar as atividades turísticas, foram os homens de 25 a 34 anos com 6,0%, fase da vida caracterizada pela parte final da juventude e início da vida adulta. Em segundo lugar aparece a faixa etária de 15 a 24 anos com 5,9%. É possível indicar que essas faixas etárias possam ter maior tempo disponível para realizar as atividades, talvez por ainda não terem agregado maiores responsabilidades decorrentes das questões ligadas à vida adulta ou por apresentar melhores condições financeiras, por já ter entrado no mercado de trabalho.

Na sequência aparecem as faixas etárias de 35 a 44 anos com 4,7%, de 11 a 14 anos com 2,6%, 45 a 54 anos com 2,1%, 55 a 64 anos com 1,9%, 07 a 10 anos com 1,8% e, por fim, 65 anos ou mais com 0,9%. Os dados apontam a diminuição das vivências turísticas à medida que são analisados os resultados relacionados às faixas etárias posicionadas nos extremos da fase da vida, quer seja em direção à infância, quer seja na velhice.

Entre as mulheres os resultados são semelhantes. A faixa etária que apresentou maior porcentagem foi a idade de 15 a 24 anos com 6,5%, seguida por 25 a 34 anos com 5,5%, 35 a 44 anos com 4,6%, 07 a 10 e 11 a 14 anos com 2,1% respectivamente.

Em relação à renda, os dados coletados apresentam resultados que podem ser apontados como diferentes da ideia de que as atividades turísticas são em sua maior parte desenvolvidas pelas classes sociais com maior renda.

Nessa questão as três maiores porcentagens são apontadas pelos entrevistados que possuem renda entre dois e três salários mínimos (SM) com 5,6% de respostas, seguidos por aqueles que possuem um e dois SM com 4,9% e, somente depois aparece os que possuem renda entre cinco e dez SM com 4,2%.

Por exemplo, das três faixas acima apontadas, entre aqueles que pertencem à faixa de renda de dois a três SM, no total de 444 entrevistados, 30,6% das respostas apontam as atividades turísticas como atividades realizadas no tempo disponível e, aqui, a mesma tendência pode ser encontrada em relação aos dados gerais da questão “O que faz nas férias?”, conforme a Figura 4. As atividades turísticas somente ficam atrás em relação às respostas sobre o “ócio” e “não sabe/não respondeu”.

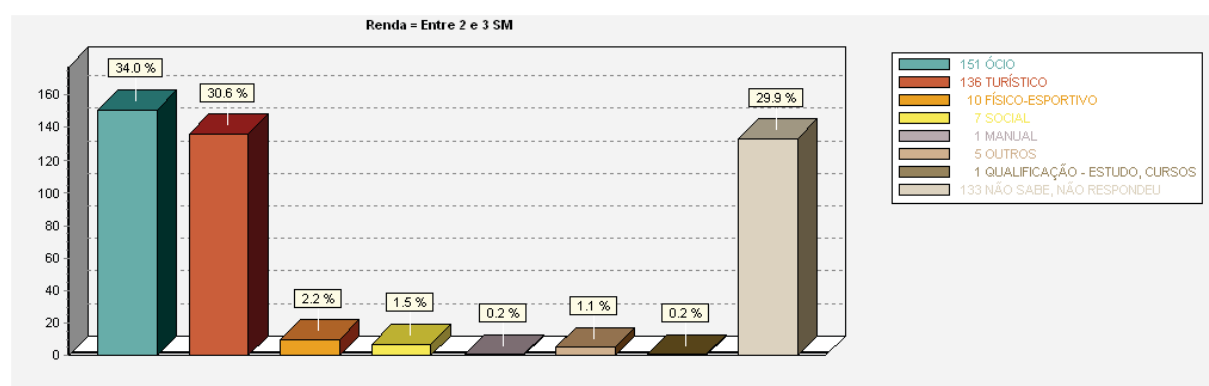


Figura 4 – Cruzamento da questão “O que faz nas Férias” com a categoria “Renda – 2 a 3 SM”.

Fonte: pesquisa “O Lazer do Brasileiro”

Na sequência dos dados relacionados à renda aparecem aqueles que possuem entre três e quatro SM com 3,0%, até um SM com 2,9%, entre quatro e cinco SM com 1,8%, entre dez e 15 SM com 1,5%, acima de 20 SM com 1,1%, entre 15 e 20 SM com 0,8%, os sem rendimento com 0,7% e, por último, aqueles que não declararam rendimento com 0,2%.

O cruzamento da categoria sexo com a de renda aponta elementos diferentes na vivência das atividades turísticas entre os homens e as mulheres, com maior ênfase para a participação feminina, conforme apontado anteriormente. No sexo feminino destaque para as mulheres que têm renda entre um e dois, e três e quatro SM (com 5,1% e 6,7% respectivamente do total de respostas). Depois aparecem as mulheres com renda entre cinco e dez SM com 3,5%, até um SM com 3,3%. Entre a faixa três e quatro SM 28,3% das respostas indicam as atividades turísticas como a terceira mais citada (Figura 5).

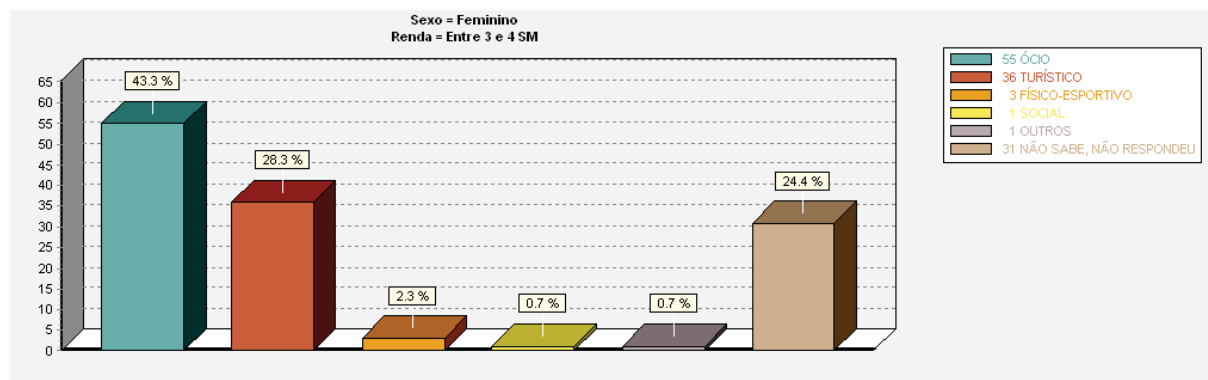


Figura 5 – Cruzamento da questão “O que Faz nas Férias” com a categoria “Sexo Feminino” e “Renda entre 3 e 4 SM”

Fonte: pesquisa “O Lazer do Brasileiro”

Entre os homens há ligeira mudança nos dados a partir da renda. Em primeiro lugar aparece a renda entre 5 e 10 SM com 4,9%, depois entre um e dois SM com 4,8% e entre dois e três SM com 4,5%. Os homens com renda entre três e quatro SM somam 3,0% e aparecem em quarto lugar nos dados coletados. Na primeira faixa (5 a 10 SM) 32,4% dos entrevistados (Figura 6) afirmam ser o turismo a terceira atividade mais desenvolvida.

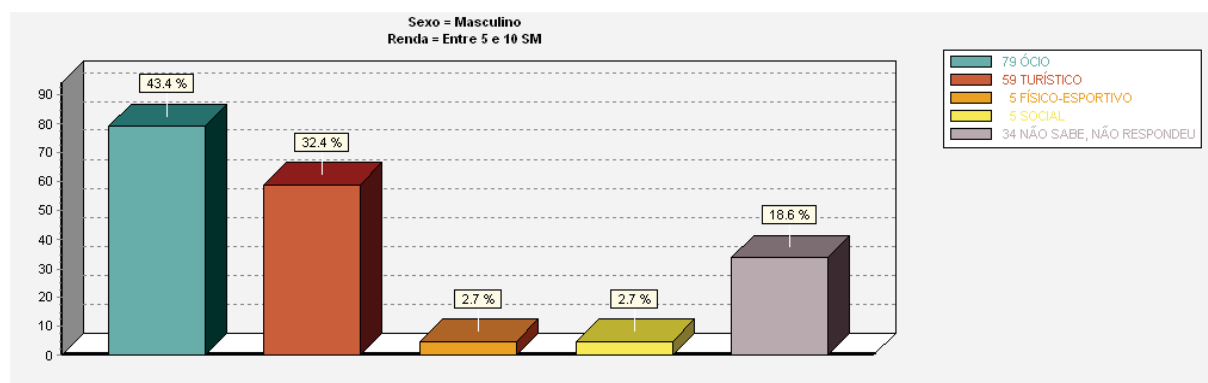


Figura 6 – Cruzamento da questão “O que Faz nas Férias” com a categoria “Sexo masculino” e “Renda entre 3 e 4 SM”

Fonte: pesquisa “O Lazer do Brasileiro”

Quando analisamos as vivências a partir das diferentes regiões do País, os dados apontam maior incidência de respostas em relação às atividades turísticas da região Sudeste com 12,5%, seguida da região Nordeste com 6,0% e da Sul com 4,2%. Importante destacar a porcentagem de respostas para a questão em relação às regiões Centro-Oeste e Norte, com 2,4% e 1,8% das respostas respectivamente.

Região econômica mais rica do país, o Sudeste apresenta, também, maior índice de respostas sobre a realização de vivências turísticas quando os dados são cruzados com as diferentes faixas de renda da pesquisa. Situação inversa pode ser apontada em relação às regiões Norte e Centro-Oeste que apresentam o menor índice de respostas, dados que permitem apontar a necessidade de as políticas para a área voltarem suas atenções e ações principalmente para essas regiões.

Analisando cada região em relação às diferentes atividades realizadas, as atividades turísticas aparecem em quase todas em terceiro lugar no número de respostas. Na região Sudeste (Figura 7), 29,7% dos entrevistados apontam que realizam atividades turísticas nas férias, logo após aparece o ócio com 31,9% e 28% para aqueles que apontaram que “não sabem” ou “não responderam”.

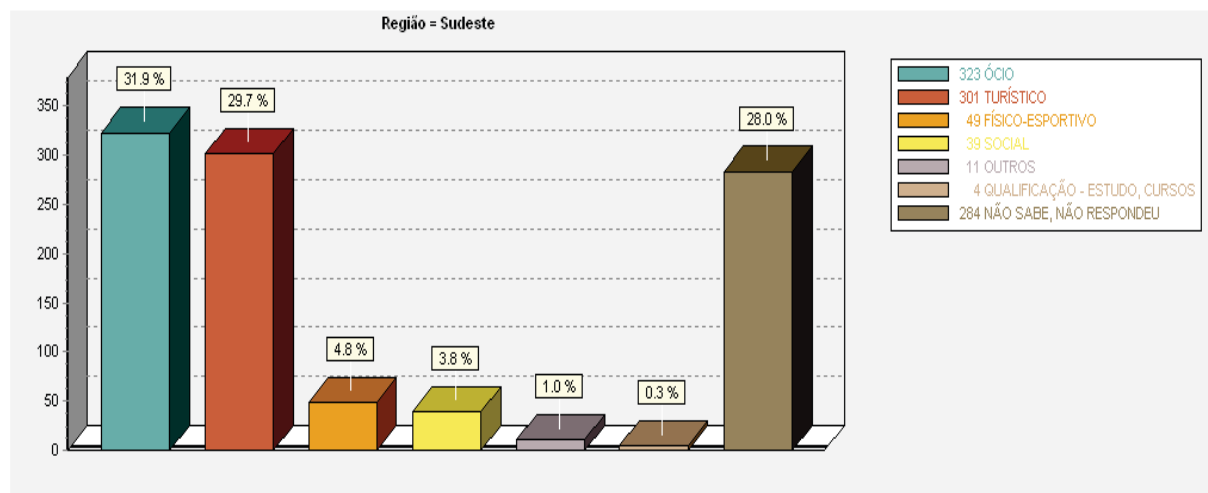


Figura 7 – Cruzamento da questão “O que Faz nas Férias” com a categoria “Região Sudeste”

Fonte: pesquisa “O Lazer do Brasileiro”

Situação semelhante pode ser apontada nas regiões Norte e Centro-Oeste que apresentam índice menor de respostas em relação às demais regiões do País. No Norte, conforme Figura 8, as atividades turísticas somam 22,5%, após 38,5% do “ócio” e 34,0% para as respostas que apontaram “não sabe, não respondeu”. Assim, apesar das diferenças de realização das atividades turísticas nas cinco regiões geográficas do País, em todas é possível apontar a importância da atividade para a população.

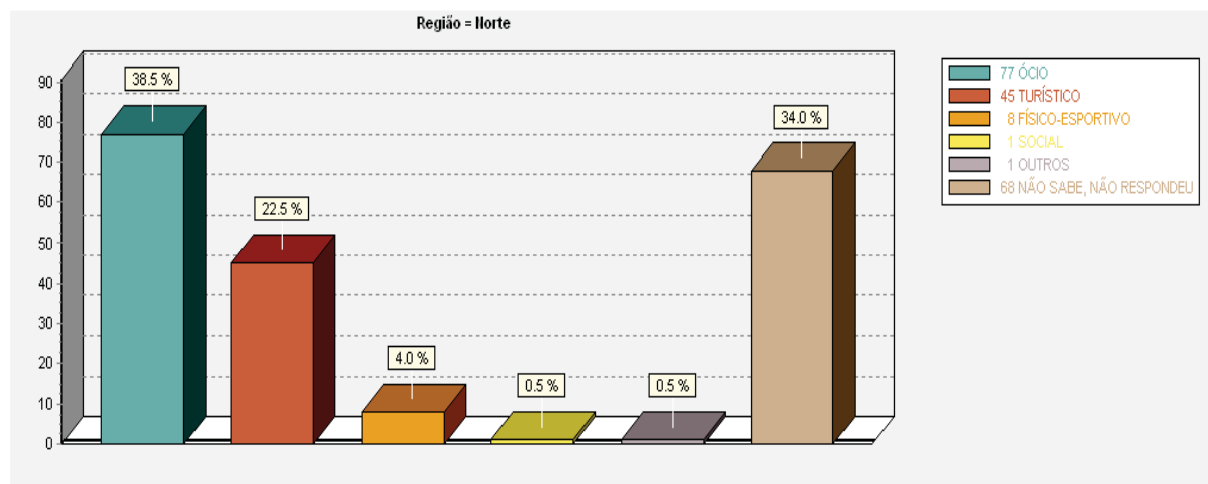


Figura 8 – Cruzamento da questão “O que Faz nas Férias” com a categoria “Região Norte”

Fonte: pesquisa “O Lazer do Brasileiro”

Outra questão central abordada pela pesquisa foi saber “o que as pessoas gostariam de fazer nas férias” de modo a entender possíveis distorções entre aquilo que as pessoas dizem que fazem e aquilo que elas gostariam de fazer.

A Figura 9 mostra os dados gerais da questão em relação aos diferentes interesses de lazer. Muitos poderiam ser os apontamentos comparativos entre os dados, mas aqui destacamos as atividades turísticas que despontam com índice de porcentagem muito superior aos demais interesses, com 78,8% e 1.892 respostas em um total de 2.400 entrevistas. Esse dado é muito diferente da questão inicial que perguntou para as pessoas “o que fazem nas férias” e apontou um total de 27% de respostas para as atividades turísticas. Em segundo aparecem as respostas “não sabe”, “não respondeu” com 10,5% e somente depois aparece o interesse social com 3,0% e o físico esportivo com 2,5%.

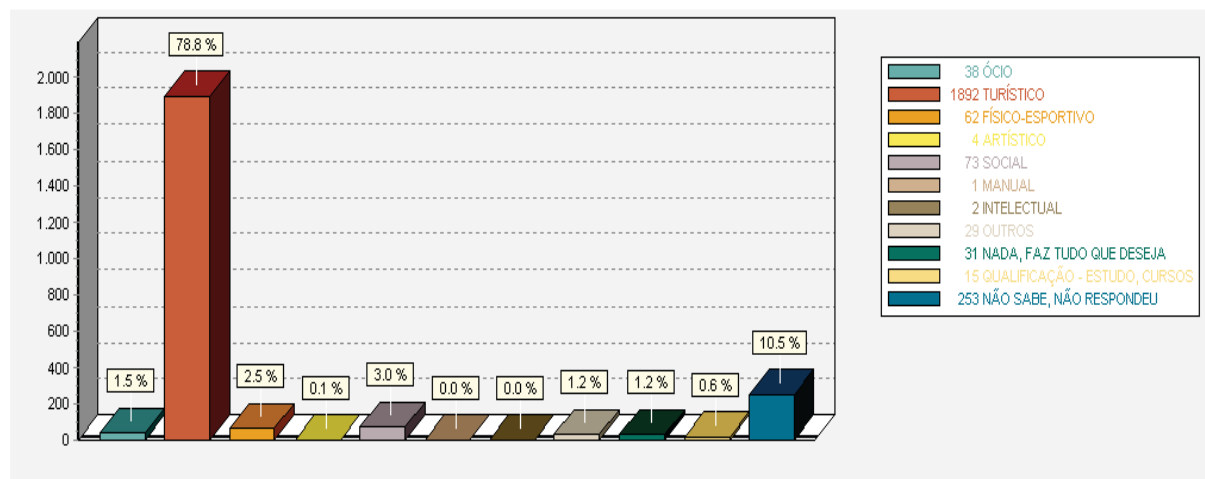


Figura 9 – Questão “O que Gostaria de fazer nas Férias?”

Fonte: pesquisa “O Lazer do Brasileiro”

Abaixo aparecem dados que mostram de forma geral os impedimentos apontados pelos entrevistados para a não realização dos diferentes interesses do lazer. E a falta de “dinheiro/recursos financeiros” é apontada como a principal barreira com 55,7% das respostas, seguida da falta de “tempo” com 17,8%.

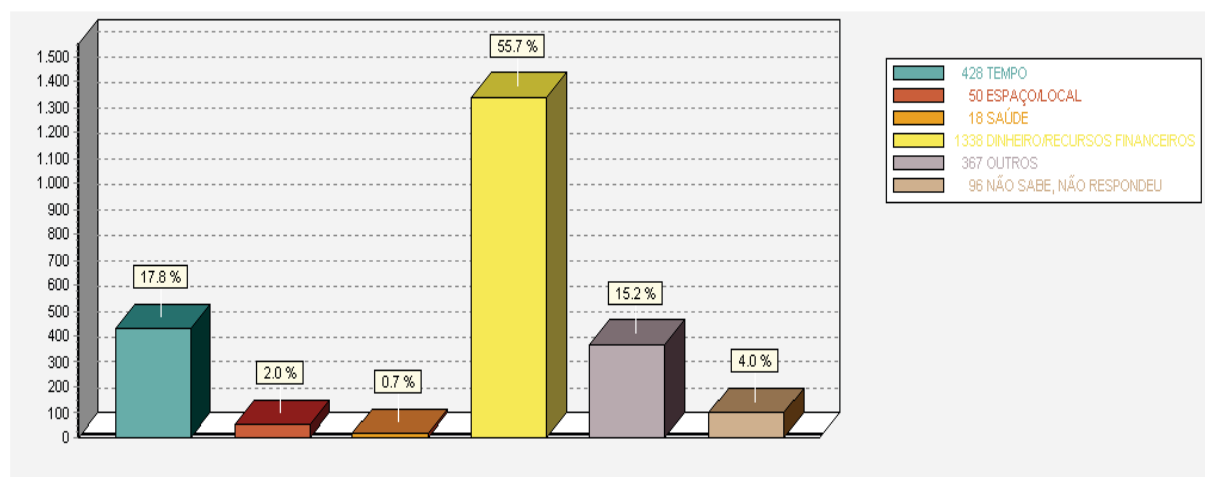


Figura 10 – Questão “Por que não faz nas Férias?”

Fonte: pesquisa “O Lazer do Brasileiro”

## Discussão

Em relação à questão “o que as pessoas fazem nas férias?” os dados permitem apontar elementos relacionados às vivências turísticas e aos demais interesses (CAMARGO, 2003; DUMAZEDIER, 1980a). Em relação aos diferentes interesses do lazer, as políticas públicas necessitariam de um maior acompanhamento no intuito de ampliar a participação, estimulando o desenvolvimento dessas atividades. Tal questão é importante uma vez que a participação, não conformista, mas crítica e criativa, depende do conhecimento das diferentes opções que o lazer pode oferecer (MARCELLINO, 2006). Segundo o autor, o ideal seria que as pessoas pudessem fazer o que, como, quando e com quem elas quisessem as suas atividades de lazer. No entanto, por falta de conhecimento de outras possibilidades, as pessoas acabam por realizar sempre as mesmas atividades.

Quanto às vivências turísticas, os dados apontam a importância que a área representa para a população do País, com diferentes atividades citadas que são possíveis de serem classificadas nesse interesse, embora o percentual de 27% ainda possa ser visto como baixo se comparado com a totalidade da amostra.

Requixa (1977), no final dos anos 1970, apoiado em pesquisa sobre o lazer da classe comerciária paulistana<sup>5</sup>, afirmava que aparentemente o hábito da viagem não era ainda muito difundido entre os trabalhadores brasileiros, uma vez que o período de férias seria utilizado para a realização de outros serviços ou mesmo para ficar em casa, além da “venda” das férias devido à baixa renda dos trabalhadores, apesar da crescente mobilidade vertical.

Esses dados ressaltam a necessidade de um constante repensar sobre as ações relacionadas à área do turismo, quer seja em suas relações com o lazer (espaços, equipamentos, formação de recursos humanos, processos de animação cultural e sociocultural, entre outros) (CAMARGO, 1985; DUMAZEDIER 1980b; MARCELLINO, 2001, 2008; REQUIXA, 1980), quer seja nas demais especificidades da área turística (meios de hospedagem, gastronomia, transporte, serviços de agenciamento, entre outras) (BENI, 2007; PANOSSO NETTO, 2012; PANOSSO NETTO, TRIGO, 2009; TRIGO, 2009). As políticas de Turismo, em níveis municipal, estadual e federal devem dar atenção especial às suas especificidades uma vez que as atividades turísticas podem ter representatividade no tempo-espaço de lazer da população brasileira.

Em relação aos dados provenientes das Figuras 2 e 3 e seus cruzamentos com a categoria “faixa etária” podemos afirmar que tais questões confirmam as discussões realizadas por autores como Camargo (2003), Dumazedier (1980a) e Marcellino (2006). Na infância, a vivência, via de regra, é realizada com o acompanhamento de uma pessoa, geralmente adulta, da família, situação que leva a criança a ter seu tempo de lazer diretamente relacionado ao tempo de lazer de outra pessoa. Apesar da constante transformação que a sociedade vem passando ao longo dos anos, na fase adulta aparecem com ênfase as dificuldades decorrentes das obrigações profissionais, bem como das demais obrigações associadas a essa fase da vida, enquanto na velhice as dificuldades também podem ser ressaltadas, principalmente decorrentes da condição social a que os idosos são submetidos, com o afastamento da sociedade e das questões relacionadas à fragilidade da saúde. Além disso, é importante destacar as ocorrências das barreiras para o lazer, que segundo Marcellino (2006) são fatores que limitam quantitativa e qualitativamente o lazer em suas diferentes possibilidades para determinados grupos sociais, privilegiando alguns grupos em detrimento de outros.

---

<sup>5</sup> Mais detalhes sobre a pesquisa podem ser encontrados em ARAÚJO, M. H. M. de. Pesquisa sobre o lazer da Classe Comerciária Paulistana. Sesc: São Paulo, 1971.



Em relação ao cruzamento da questão “O que faz nas férias?” e a renda, os dados coletados apontam que nem sempre as atividades turísticas são desenvolvidas por pessoas provenientes das classes sociais com maior poder aquisitivo. Uma possível explicação para a questão acima, talvez, seja o fato das atividades turísticas na pesquisa serem entendidas de forma ampla (CAMARGO, 2003; GASTAL, MOESCH; 2007) diferente do conceito regularmente utilizado por parte dos estudiosos que entende essas atividades a partir do afastamento das pessoas de seu local de moradia por um período maior de 24 horas consecutivas e inferior a um ano.

Assim, as respostas apontam como atividades turísticas uma diversidade de vivências, como acampar, passear pela cidade com o namorado ou filhos ou pelo bairro ou pela cachoeira, ir à praia com a família ou com o filho, viajar ou viajar para a casa de praia ou viajar para a casa da avó, entre outras possibilidades. É interessante notar que as respostas apontam diferentes questões, muitas delas vinculadas às realidades locais onde os formulários de entrevistas foram aplicados, fato que explicaria a diversidade de respostas e sua vinculação às atividades turísticas dentro do contexto no qual as perguntas foram realizadas, tais como passear na roça, sentar no banco do calçadão, ir para a granja, tomar banho na bica, tomar banho de rio ou ir à beira do rio, passear de metrô, entre outros apontamentos.

A região Sudeste apresenta maior índice de respostas sobre a realização de vivências turísticas quando os dados são cruzados com as diferentes faixas de renda da pesquisa. Situação inversa pode ser apontada em relação às regiões Norte e Centro-Oeste que apresentam o menor índice de respostas, dados que permitem apontar a necessidade de que as políticas para a área (BENI, 2007; CAMARGO, 1985; DUMAZEDIER, 1980b; GASTAL, MOESCH, 2007; MARCELLINO, 2001, 2008; PANOSSO NETTO, ANSARAH, 2009; PANOSSO NETTO, TRIGO, 2009; REQUIXA, 1980) focalizem suas atenções e ações principalmente para essas regiões.

Outra questão da pesquisa foi saber “O que as pessoas gostariam de fazer nas férias”. Se os dados anteriores apontados já colocavam as atividades turísticas como uma opção de lazer das mais importantes na vida das pessoas, os dados desta segunda questão reafirmam a relevância dessas atividades e a necessidade de que mais e melhores políticas específicas na área devem ser implantadas, a fim de atender às necessidades de vivência das atividades turísticas para a população como um todo. Aqui destacamos a diferença entre o querer e fazer das pessoas em relação às atividades turísticas, uma vez que se o fazer aponta 27% das realizações, o querer apresenta o índice de 80% das intenções.

Tal descompasso nas respostas das duas questões pode estar relacionado ao restrito entendimento do lazer nas políticas públicas, aliado ao fato de que algumas vivências de lazer são pouco oferecidas, como as vivências turísticas a partir de políticas públicas, dificultando às pessoas a possibilidade de escolha entre as várias opções, ocasionando, conforme Marcellino (2006), a realização das mesmas vivências de lazer no cotidiano, além do fato das atividades turísticas necessitarem, em grande parte, de recursos financeiros para que possam ser realizadas.

Assim, em relação aos impedimentos para a realização das atividades turísticas, a principal questão, portanto, diz respeito à barreira econômica, questão já apontada por Marcellino (2006) e Requixa (1977) como um dos fatores que impedem tanto quantitativa quanto qualitativamente a apropriação das atividades turísticas no âmbito do lazer por parte das pessoas, fatores injustos que devem ser minimizados por políticas públicas específicas na área.

Assim, os desequilíbrios existentes entre as representações e concretizações do lazer do brasileiro devem ser objeto de desenvolvimento de ações específicas na área (BENI, 2007; CAMARGO, 1985; DUMAZEDIER 1980b; GASTAL, MOESCH, 2007; MARCELLINO, 2001, 2008; PANOSSO NETTO, ANSARAH, 2009; PANOSSO NETTO, TRIGO, 2009; REQUIXA, 1980) que tenham como objetivo discutir e implementar mecanismos que venham a minimizar as discrepâncias entre o que as pessoas fazem e aquilo que gostariam de fazer no lazer em seu período de férias.

## Referências

- ARAÚJO, M. H. M. de. **Pesquisa sobre o lazer da Classe Comerciaría Paulistana**. Sesc: São Paulo, 1971.
- BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. 12. ed., São Paulo: Senac, 2007.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro, 2010.
- CAMARGO, L. O. L. **Política de lazer. Estudos do lazer**. São Paulo: Sesc, n. 1, p. 03-07, 1985.
- \_\_\_\_\_. **O. O que é lazer**. 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 2003.
- DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Sesc, 1980a.
- \_\_\_\_\_. **Planejamento de lazer no Brasil: a teoria sociológica da decisão**. São Paulo, 1980b.
- GASTAL, S.; MOESCH, M. M. **Turismo, Políticas Públicas e Cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.
- GOMES, C. L. **Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas**. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- ICC/ESOMAR. **Código ICC/Esomar de Conduta em Pesquisa de Mercado e Pesquisa Social**. São Paulo: ABEP, 2008. Disponível em: <[www.abep.org/Servicos/DownloadCodigoConduta.aspx?id=03](http://www.abep.org/Servicos/DownloadCodigoConduta.aspx?id=03)>. Acesso em: 28 fev. 2014.
- JAFARI, J. Transfer of Knowledge to and within Tourism. Naples: Italy, 04 may 2015. **The t-Forum Global Conference – Tourism Intelligence in Action**.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2001.
- MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. Campinas: Papirus, 1983.
- \_\_\_\_\_. Políticas de lazer: mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte. In: \_\_\_\_\_. **Lazer e Esporte**. Campinas: Autores Associados, 2001, cap. 1, p. 05-29.
- \_\_\_\_\_. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4. ed. – Campinas: Autores Associados, 2006.
- \_\_\_\_\_. Espaços e equipamentos de lazer. In: \_\_\_\_\_. **Políticas Públicas de Lazer**. Campinas: São Paulo: Editora Alínea, 2008, p. 133-152.
- MOESCH, M. M. Turismo e Lazer: conteúdos de uma única questão. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Formação e Desenvolvimento de Pessoal em Lazer e Esporte**. Campinas, SP: Papirus, 2003, p. 19-30.

- PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo**: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2012.
- PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. R. **Segmentação do mercado turístico**. Barueri: Manole, 2009.
- PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. **Cenários do Turismo Brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2009.
- PARKER, S. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- REQUIXA, R. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: Sesc, 1980.
- \_\_\_\_\_. Formas contemporâneas de uso do tempo livre: férias, fins de semana e turismo. In: \_\_\_\_\_. **O Lazer no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977, p. 67-71.
- REQUIXA, R.; CAMARGO, L. O. L. Brazil: a new cycle of modernisation. In: OLSZEWSKA, A.; ROBERTS, K. **Leisure and Lifestyle**: a comparative analysis of free time. London: Sage Publications Ltd., 1989, p. 85-96.
- SOUZA, A. de. **As 24 Horas do dia de um carioca**. Relatório de Pesquisa apresentado ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Rio de Janeiro, 1975.
- TRIGO, L. G. G. **Turismo Básico**. 8. ed., Campinas: Papirus, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A viagem, caminho e experiência**. São Paulo: Aleph, 2013.
- VEAL, A. J. **Metodologia da Pesquisa em Lazer e Turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.